

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 15, Avaliação e Aplicação

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 15, Avaliação e Aplicação.

É bom, na conclusão da interpretação da passagem, reunir suas inferências, inferências específicas, em um parágrafo que realmente sirva como um cerne da interpretação.

Então, da nossa interpretação de 1:5 a 8, esta seria a nossa conclusão geral. A sabedoria é a capacidade de conhecer plena e profundamente o significado da realidade que Deus revelou principalmente através da sua palavra, mas também derivadamente através do mundo, e a compreensão do processo pelo qual traduzimos este pensamento correto sobre a realidade em ação correta, e a capacidade de realmente implementar o pensamento correto em ação correta, experimentando assim uma vida de totalidade e unidade, Pedro chama de perfeição, ou Tiago, devo dizer, chama de perfeição, e aquela que é a única que agrada a Deus, que é perfeita e totalmente um, unificado em seu compromisso de dar. Esta sabedoria é em si um dom divino do doador divino, não presente nos humanos em geral, e não possível aos humanos com base em qualquer ajuda humana ou terrena, nem é um concomitante necessário da conversão cristã, mas é um dom divino oferecido aos cristãos e é, portanto, divino e transcendente em sua própria natureza.

Este dom de sabedoria é livremente acessível a todos os cristãos através da oração da fé, isto é, de um modo ativo e contínuo de pedir, que envolve uma profunda convicção de que vem somente de Deus e que vem de um Deus que é um em seu desejo absoluto de dar boas e apenas boas dádivas a todas as pessoas. A sabedoria é a habilidade, compreensão e capacidade de conhecer a realidade e de expressá-la na personificação da vida, isto é, na ação correta; refere-se em Tiago 1:5 especificamente às provações e tentações implícitas nelas, mas também se refere de forma mais geral a todas as situações humanas. Espero que esteja claro como incluímos vários aspectos específicos das nossas inferências nesta conclusão geral holística.

Agora, falamos sobre observação e interpretação. Cabe-nos agora, apenas brevemente, dizer algo sobre avaliação e aplicação. Isto é, discernir exactamente que aspectos da verdade da interpretação que criamos podem ser aplicados directamente nas nossas vidas, e também exactamente como podemos aplicar esta ou estas verdades às nossas vidas.

Isto é basicamente o que temos em mente para avaliação e aplicação. Então, como eu disse, em termos de processo específico, queremos identificar a partir da nossa interpretação, realmente aquele parágrafo que é uma conclusão geral da nossa interpretação, identificar a partir disso o ensino ou ensinamentos específicos da passagem e articular esse ensino de uma forma breve. parágrafo, o que fizemos, e com base nas evidências a serem discutidas abaixo, determinar se o ensino ou ensinamentos específicos desta passagem são transcendentais, isto é, apropriadamente aplicáveis aos tempos e incluindo o nosso, ou estão vinculados à situação, que está tão exclusivamente ligado à situação original que não é adequadamente aplicável ao tempo presente. Se você achar que o ensinamento ou os ensinamentos da passagem estão vinculados à situação, é importante explicar as implicações, tanto suposições quanto consequências, do ensinamento que pode, de fato, ser transcendente.

Agora, deixe-me apenas dizer algo em relação à avaliação e aplicação. Mais propriamente em termos de avaliação, a avaliação realmente tem a ver com a verificação de quais ensinamentos ou quais aspectos do ensino da sua interpretação estão vinculados à situação e quais são transcendentais. Isto é, se o ensinamento ou ensinamentos ou aspectos do ensinamento da sua interpretação estão vinculados à situação, no sentido de que estão tão ligados à situação original em que foram comunicados que não poderiam ser legitimamente adotados e diretamente aplicados. em outros tempos e em outros lugares, incluindo o nosso, ou se são transcendentais, isto é, não tão ligados à situação original que não possam ser retomados e aplicados diretamente, mas são legitimamente aplicáveis diretamente em outros tempos e em outros lugares, inclusive o nosso.

Geralmente é assim que a maioria dos estudiosos da Bíblia fala sobre avaliação bíblica. Na verdade, tem a ver com a adequação ou legitimidade da aplicação da verdade de uma passagem interpretada, adequação ou legitimidade. Mas, na verdade, também existem outros aspectos da avaliação.

Outro aspecto da avaliação tem realmente a ver com a força e o âmbito de aplicação. Em termos da força de aplicação, mesmo que um ensinamento seja considerado transcendente, ele não está tão ligado à situação original que não possa ser aplicado diretamente em outros tempos e outros lugares. Mesmo para tipos de ensino transcendentais, precisamos avaliar esse ensino em termos da sua força. É apresentado como um requisito absoluto, seja para pensar ou para agir, um requisito absoluto, ou algo que é recomendado, talvez mesmo fortemente recomendado, ou simplesmente uma sugestão tática, uma boa ideia em certas circunstâncias, a força da aplicabilidade, mas também o âmbito de aplicabilidade?

Isto é, a avaliação também tenta determinar se o ensino desta passagem é apropriadamente aplicável a todas as pessoas ou se se aplica apenas a certas pessoas, digamos, apenas aos líderes dentro da igreja. Há também a questão do grau

de concessão. Isto é, o ensino desta passagem apresenta uma verdade que envolve uma espécie de concessão divina? Ou seja, o ideal de Deus seria algo muito mais do que isso, mas esta passagem indica que este é um nível de pensamento ou comportamento com o qual Deus está preparado para viver, que Deus concede em relação ao ideal.

Ou a passagem apresenta um ideal com a sugestão de que um certo grau de concessão é admitido? Agora, na verdade, tudo isso tem a ver com o que chamamos de avaliação bíblica. Isto é, a avaliação da verdade bíblica em termos de adequação ou legitimidade de aplicabilidade, força de aplicabilidade, âmbito de aplicabilidade e grau de concessão de aplicabilidade. Voltando um pouco a isso, a esse negócio de grau de concessão de aplicabilidade, alguns exemplos.

Em termos de uma passagem onde você tem um tipo de concessão divina que fica aquém do ideal, acho que uma passagem muito reveladora aqui é a história de Naamã, o general sírio, que está relacionada a 2 Reis 5. Você se lembra que este homem era um leproso, e ele vai até Eliseu para ser curado. E ele é, de fato, curado no rio Jordão. E ele está muito grato a Yahweh, o Deus de Israel, por ter sido purificado da lepra.

E ele quer tornar-se, e de facto tornou-se, um adorador de Yahweh, o verdadeiro Deus, o único Deus verdadeiro. No entanto, ele está em uma situação difícil. Ele tem a responsabilidade, na verdade, de acompanhar e talvez ajudar o rei da Síria a entrar na casa do deus Rimon para adoração.

E seria uma questão de sentença de morte se ele entrasse na casa de Rimon e não se curvasse em adoração. Então, ele implora ou pede uma concessão do profeta se, de fato, seria permitido ao Deus de Israel se, de fato, ele dobrasse os joelhos reconhecendo que em seu coração ele não estava realmente adorando Rimon. Isto obviamente é uma violação técnica da lei de Deus.

É uma violação da vontade de Deus em algum nível. E ainda assim Deus, através do profeta, concede sua concessão a Naamã. Então, não se trata de dizer que esse tipo de coisa está sempre bem ou que representa a vontade de Deus.

Não representa a vontade de Deus. Não representa o ideal de Deus. Mas mostra que Deus está preparado para ceder a este tipo de necessidades oficiais, pelo menos em casos como este.

Por outro lado, no caso de 1 Coríntios 7, Paulo apresenta o ideal do celibato. É melhor, diz ele, que um homem não se case. Assim é melhor, pois desejo que tudo permaneça como estou, diz Paulo.

E ainda assim ele indica explicitamente a concessão aí. Mas ele diz que existem hormônios, hormônios em fúria, na verdade. E é melhor para um homem se casar do que arder de paixão.

Aí você tem o ideal apresentado junto com a concessão. O ideal divino, acredita Paulo, nesta situação é o celibato, mas há a concessão que aí está indicada. Agora, no que diz respeito ao que é o nível básico de avaliação, e que é a adequação ou legitimidade da aplicabilidade, o que realmente temos aqui na Bíblia é o que podemos chamar de um continuum de transcendência.

Em uma extremidade do continuum, temos passagens como, bem, poderíamos dizer como Mateus 22:34 a 40. Mateus 22:34 a 40. Você se lembra desta passagem.

O doutor da lei perguntou a Jesus: qual é o grande mandamento da lei? Você amará o Senhor seu Deus com todo o seu coração, mente, alma e força. Este é o primeiro e grande mandamento. A segunda é semelhante: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem ou dependem de toda a lei e dos profetas.

Voltaremos em um momento para indicar por que acreditamos que este é, de fato, um ensinamento transcendente que é diretamente aplicável em outros tempos e outros lugares, inclusive o nosso. No outro extremo do continuum, você tem passagens como 1 Timóteo 5, versículo 23, onde Paulo adverte Timóteo a não beber mais água, mas a tomar um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas doenças frequentes.

Isto, pelo menos superficialmente, parece-nos ser um ensinamento limitado pela situação. A questão realmente tem a ver com se o ensino de uma passagem, se a nossa interpretação de uma passagem, envolve um ensino que expressa diretamente uma verdade mais fundamental, mais fundamental de acordo com a passagem em seu contexto e de acordo com uma ampla perspectiva bíblica. Com base na passagem em seu contexto e com base no contexto da Bíblia como um todo, respondemos à questão de saber se este ensino expressa diretamente uma verdade mais fundamental que transcende a situação original em que foi abordado, ou seja, , é essencialmente transcendente e, portanto, pode ser legitimamente apropriado em outros tempos e outros lugares, incluindo o nosso, em vez de ser largamente moldado ou determinado pelas circunstâncias que cercam a situação original, isto é, circunstancialmente contingente, essencialmente transcendente ou circunstancialmente contingente.

Essa decisão é tomada especialmente de acordo com a passagem no seu contexto e de acordo com uma ampla perspectiva bíblica. Agora, no caso de Mateus 22, 34 a 40, você amará o Senhor seu Deus de todo o seu coração, mente, alma e força, e ao seu próximo como a si mesmo. O contexto indica realmente que isto permite uma ampla

aplicabilidade e que não está dependente da situação. O advogado faz a pergunta com respeito à vontade de Deus expressa na lei.

Tem a ver com o que é o centro da lei em termos de um índice da vontade de Deus. Não está limitado em termos de seu contexto imediato a qualquer situação particular. O contexto imediato apresenta-o nos termos mais amplos possíveis.

E, claro, no resto da Bíblia, é apresentado desta forma repetidamente no Novo Testamento, não apenas em Mateus 22. O mandamento do duplo amor é visto como o centro da vontade de Deus. E, de fato, é encorajado que este duplo mandamento do amor seja aplicado nas diversas situações da vida.

Agora, porém, com respeito a 1 Timóteo 5:23, notamos aqui que o contexto imediato sugere uma condição vinculada à situação. Não beba mais água, mas tome um pouco de vinho pelo bem do estômago e dos seus frequentes males. Portanto, torna-se dependente, por um lado, da situação particular de saúde de Timóteo.

Isso, é claro, é sugerido pelo contexto imediato. E, claro, numa perspectiva bíblica mais ampla, em nenhum outro lugar da Bíblia a água é proibida. É proibido beber água, ou beber vinho como absolutamente necessário, e coisas do gênero?

Assim, com base nisso, mais uma vez, parece que este é um tipo de ensino circunstancialmente contingente. Agora, é claro, é verdade, como eu disse, há um continuum aqui, o que significa que você tem muitas, muitas passagens, talvez a maioria das passagens, situadas em algum lugar entre os extremos desse continuum. Isto normalmente envolve certos aspectos do ensino de uma passagem sendo limitados pela situação e outros aspectos desse ensino sendo transcendentais.

Mas de qualquer forma, essa é, em poucas palavras, a tarefa da avaliação bíblica. Agora, há, é claro, algumas passagens que você não poderia seguir e aplicar diretamente se quisesse. Tomemos como exemplo Deuteronômio 18:6: E se um levita vier de alguma de suas cidades de todo o Israel onde ele mora, ele poderá ir quando quiser, ao lugar que o Senhor escolher, para que possa ministrar em nome do Senhor seu Deus, como todos os seus companheiros levitas, que ali estão para ministrar diante do Senhor, eles terão porções iguais para comer, além do que ele recebe da venda de seu patrimônio.

Agora, é claro, não temos levitas. Não temos mais um santuário central. Então, como eu disse, este é um tipo de ensinamento que não poderia ser adotado e aplicado diretamente, mesmo que alguém tentasse fazê-lo, tentasse fazê-lo. Agora, mencionei que, na verdade, a tomada de decisão em relação à avaliação bíblica deve ser baseada em evidências.

E, claro, isto não é surpreendente, dado que estamos a operar de acordo com uma abordagem indutiva. Não é simplesmente uma questão de dizer, quase intuitivamente, que isto simplesmente não parece ser o tipo de coisa que pode ser adotada e aplicada diretamente, ou que parece ser o tipo de coisa que podemos adotar e aplicar diretamente. Precisamos realmente de operar com base em evidências, e especialmente em evidências bíblicas, ao tomar essa decisão, não apenas no que diz respeito à legitimidade da aplicabilidade, mas também à força, ao âmbito e ao grau de concessão de aplicabilidade.

E há especialmente dois tipos de evidências bíblicas que são relevantes para fazer esta avaliação bíblica. O primeiro é o contexto. E aqui, deixe-me dar apenas alguns exemplos.

Mais uma vez, penso que são mais úteis exemplos que ilustrem o emprego de evidências contextuais para tomar a decisão sobre a aplicabilidade. Em Mateus, capítulo 16, versículo 20, e, mais uma vez, se você tem Bíblias e deveria ter Bíblias, é bom abri-las. Um dos meus professores no Union Theological Seminary, na Virgínia, em meus estudos de doutorado, foi Paul Achtemeier, e ele disse em uma ocasião que fazer estudo bíblico sem uma Bíblia é como jogar tênis sem bola.

E assim, é realmente muito importante ter sempre uma Bíblia aberta. Mas se você olhar Mateus 16:20, lemos ali que Jesus os ordenou a não contar a ninguém que ele era um Cristo. Agora, isso Jesus diz aos seus discípulos.

Este é um encargo que ele dá aos seus discípulos. No evangelho de Mateus, é claro, os cristãos são discípulos e, em muitos aspectos, os doze discípulos no evangelho de Mateus são representativos dos cristãos pós-Páscoa. Portanto, levanta-se uma questão: pode esta incumbência de Jesus aos seus discípulos ser assumida e aplicada diretamente? Não conte a ninguém que Jesus é um Cristo.

Mantenha sua messianidade em segredo. Bem, a resposta, claro, é manifestamente não. Isto está claramente relacionado com a situação.

Mas como sabemos que é? Sabemos disso com base no contexto mais amplo do evangelho de Mateus. O evangelho de Mateus chega ao clímax na Grande Comissão, em Mateus 28:18 a 20, onde os discípulos são ordenados: Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os para observar tudo o que eu te ordenei. Uma interpretação de fazer discípulos em Mateus 28:20 deixa muito claro que aquela parte, e de fato central para, fazer discípulos é declarar o messianismo, a Cristandade de Jesus.

A propósito, outro exemplo de Mateus, que é bastante interessante, está em Mateus 10, versículos 5 e 6. Jesus ordena aos seus discípulos: Não vão a lugar nenhum entre os gentios, e não entrem em nenhuma cidade dos samaritanos, mas vão apenas aos

perdidos. ovelhas da casa de Israel. Agora, novamente, esse é o tipo de coisa que pode ser adotada e aplicada diretamente? Não, novamente, por causa do contexto mais amplo do livro, e novamente, em parte, por causa do clímax do evangelho no final do capítulo 28. Vá e faça discípulos de todas as nações.

Que, aliás, é uma palavra que poderia ser traduzida por todos os gentios. Certamente inclui os gentios. De modo que a Grande Comissão, na verdade, o clímax do evangelho de Mateus, apresenta essa acusação em Mateus 10:5 e 6. Não ir a lugar nenhum entre os gentios, não entrar em nenhuma cidade dos samaritanos, torna essa situação limitada.

Foi apropriado para os doze discípulos durante o ministério terreno de Jesus, mas não é mais apropriado, não é mais aplicável aos cristãos que vivem deste lado da ressurreição. Por outro lado, temos em Romanos 1, 18 a 36, a declaração mais clara do Novo Testamento contra o comportamento homossexual. E esta passagem, você sabe, tornou-se um centro de controvérsia nos últimos anos.

Na maior parte, a controvérsia com relação a Romanos 1:18 a 36 não envolve a interpretação da passagem. Isso parece bastante claro, pelo menos em grande medida, mas envolve especialmente a sua avaliação. Isso pode ser retomado e aplicado diretamente? Em outros tempos e em outros lugares, inclusive no nosso.

Agora, às vezes se afirma que está ligado à situação porque tem a ver especificamente com, bem, com a prostituição apanhada, a prostituição masculina apanhada. Que é realmente um argumento contra a idolatria pagã contra um argumento contra as relações homossexuais como tais. Mas o contexto imediato, pelo menos em termos de evidência para o contexto imediato, não permitirá esse tipo de julgamento no que diz respeito a estar vinculado à situação, na minha opinião, porque as raízes de Paulo, se você olhar para o argumento ali apresentado por Paulo, Paulo enraíza suas objeções ao comportamento homossexual na criação e na ordem da criação.

Na verdade, no que lhe diz respeito, é uma violação ou um pecado contra o criador, um repúdio à soberania do Deus criador. Se for esse o caso, seria considerado um ensinamento transcendente que continua em vigor enquanto a criação continuar. Agora, outro exemplo, outro tipo de evidência, o que fizemos foi citar evidências do contexto para tomar a decisão.

Outro tipo de evidência é a evidência do testemunho bíblico, a ampla perspectiva bíblica e a evidência do testemunho bíblico. Se você olhar Êxodo capítulo 21, versículos 23 e 24, Êxodo 21:23 e 24, se houver algum dano, então você dará vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe. O famoso olho por olho e dente por dente.

Mas Jesus, no Sermão da Montanha, em Mateus capítulo 5, versículo 38, diz: Ouvistes o que foi dito: olho por olho e dente por dente. Mas eu lhes digo: não resistam a quem é mau. Mas se alguém te bater na face direita, ofereça-lhe também a outra.

E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a capa, deixe-lhe ficar também com a capa. E se alguém forçar você a caminhar uma milha, vá com ele duas milhas, etc. Então aqui Jesus diz, diz explicitamente, que este mandamento da lei em Êxodo 21 não é mais diretamente aplicável.

Já não é aplicável nos termos em que foi declarado, já não é diretamente aplicável. Você ouviu o que foi dito; ele cita, mas em contraste, eu digo a você.

Então aqui você tem um caso em que o testemunho bíblico, e especialmente o que chamamos de progresso da revelação do Antigo Testamento para o Novo Testamento, que é uma forma de testemunho bíblico, indica ou traduz, devo dizer, este ensino de Êxodo 21-24. situação vinculada. Apropriado, legítimo para Israel antes da vinda de Cristo, mas agora não mais aplicável diretamente aos discípulos de nosso Senhor. Agora, é importante notar aqui que mesmo os ensinamentos ligados à situação, ou as passagens ligadas à situação, podem ser relevantes.

Isto levanta a questão de saber se há passagens dignas de menção ou muitas, mesmo muitas, passagens na Bíblia que não são capazes de serem aplicadas, não são capazes de serem pregadas ou são objeto de pregação ou ensino. Existem passagens na Bíblia que estão essencialmente excluídas da possibilidade de qualquer uso para nós em termos de formação pessoal ou de qualquer uso por nós em termos de pregação e ensino dentro da igreja? E minha inclinação é dizer não.

Que virtualmente não há passagens que estejam fora do alcance da aplicabilidade contemporânea. É por isso que digo que mesmo as passagens específicas da situação podem ser relevantes. Em casos como este, porém, a relevância, a aplicabilidade, estaria na aplicação das respostas às questões racionais e implicacionais, e não na resposta à questão definitiva.

Em passagens vinculadas à situação, quase sempre a resposta à questão definitiva não é diretamente aplicável. Mas se você busca a razão do que é dito, não apenas o significado do que é dito, mas a razão que está por trás do que é dito, ou as implicações, as implicações teológicas, do que é comunicado nesta passagem, quase sempre as respostas à questão racional e à questão implicacional pode ser diretamente relevante. Agora, é claro, além disso, passagens ou ensinamentos vinculados à situação são relevantes para pessoas na mesma situação.

Para a maioria de nós no mundo ocidental, considero-me, claro, no mundo ocidental; para a maioria de nós que vivemos no mundo ocidental, os mandamentos relativos a comer carne oferecida aos ídolos não são pertinentes. Não é relevante. Em certo sentido, está vinculado à situação.

Não pode ser retomado e aplicado diretamente em outras situações. Mas é diretamente relevante para as pessoas que vivem em culturas onde continua a haver oferta de carne aos ídolos. Ele fala diretamente com pessoas como eles.

Agora, há também, juntamente com a avaliação bíblica, o que poderíamos chamar de avaliação situacional. É importante tomar a decisão se o ensino desta passagem é diretamente aplicável em nossos tempos. É importante também avaliar a situação contemporânea que enfrentamos, a fim de julgar se existe congruência ou correspondência suficiente entre o ensino bíblico e esta situação contemporânea para garantir a aplicabilidade.

Então, precisamos nos perguntar: o que exatamente está acontecendo na situação contemporânea à qual pensamos que este ensino bíblico possa ser aplicável? Na verdade, é precisamente aqui que muitas vezes os pregadores ou professores da igreja enfrentam problemas. Não é incomum encontrar uma situação em que um professor ou pregador dentro da igreja faça bem a exegese, a interpretação e até mesmo a avaliação bíblica, mas, ao aplicá-la a uma situação contemporânea, entenda mal essa situação contemporânea e interprete mal essa situação contemporânea. E se isso acontecer, a aplicação incorreta será inevitável.

Quando você tenta aplicar, por exemplo, o ensino bíblico a situações contemporâneas complexas, como a eutanásia, a corrida armamentista, a guerra e a paz, a clonagem e assim por diante, esses tipos complicados de situações contemporâneas, é, nessas situações casos, obviamente importante compreendê-los em profundidade, a fim de relacionar adequadamente o ensino bíblico com como devemos pensar e o que devemos fazer ao vivermos nessas situações contemporâneas. Mas mesmo quando se trata de aplicar o ensino bíblico a situações mais pessoais e diretas, lembro-me de ter ouvido falar de um superintendente que foi chamado para lidar com conflitos numa igreja local dentro da sua associação, o conflito entre o pastor e o povo. Infelizmente, aquele superintendente interpretou terrivelmente mal a dinâmica daquela situação e aplicou mal a verdade bíblica e o ensino bíblico a essa situação e causou ainda mais danos por causa dessa má aplicação .

Agora, se este tipo de avaliação leva à aplicação propriamente dita, por vezes isto é referido como apropriação. De certa forma, apropriação é uma palavra mais adequada porque é uma palavra mais ampla. Aplicar carrega consigo as conotações de comportamento.

Mas a apropriação tem conotações mais amplas. Sugere coisas como uma ampla formação moral e espiritual, e não simplesmente o que decidir fazer comportamentalmente numa situação particular, uma espécie de forma de pensar contra decisões necessariamente específicas no que diz respeito a um comportamento particular. Portanto, apropriação pode ser uma palavra um pouco melhor.

Mas de qualquer forma, quando se trata de apropriação, envolve perguntar e responder a esta pergunta: exatamente como o ensino desta passagem informa a minha compreensão e a minha vivência nesta situação contemporânea que enfrento? Exatamente que diferença faz a forma como penso e como vivo nesta situação contemporânea que eu ou a minha congregação, a minha denominação e a minha nação enfrentamos? Agora, a chave aqui, penso eu, são duas chaves neste negócio de apropriação, dois princípios. Um deles é um princípio de correspondência. Precisamos ter certeza de que existe uma correspondência entre o ensino bíblico e esta situação contemporânea e relacionar essa correspondência de forma adequada.

Mas também o princípio da especificidade. O que tende a acontecer na apropriação bíblica é que a apropriação é feita de uma forma muito geral. Na verdade, encontro isso repetidas vezes ao ensinar alunos do seminário.

Quando lhes peço que procedam ao processo de aplicação da verdade bíblica que interpretaram, eles tendem a apresentar aplicações muito amplas e nada específicas. Esse tipo de aplicação ampla não ajuda porque não vivemos nas nuvens. As pessoas vivem nos detalhes das especificidades da vida.

O que realmente precisamos como indivíduos, como congregações, todos nós realmente precisamos de uma visão sobre a aplicabilidade específica. Também precisamos de ajuda quando trabalhamos com passagens individuais para determinar como essa passagem funciona no cânon, de modo a abordar de maneira específica os tipos de problemas ou desafios que enfrentamos hoje. Se na sua aplicação de uma passagem você chegar a uma aplicação de uma passagem, digamos, uma determinada passagem na qual você está trabalhando, essa poderia ser uma aplicação que poderia ser direcionada, ou poderia, eu diria, surgir de uma centena de aplicações diferentes. Outras passagens, sua aplicação não foi realmente, não é suficientemente específica.

O ideal seria perguntar exatamente como esta passagem particular, interpretada de uma forma específica, pode ser aplicada especificamente a situações específicas ou a decisões específicas que devo tomar. Que diferença esta passagem faz em termos de como vivo nessas situações específicas? Veja que isso se baseia na riqueza da própria passagem, na singularidade dessa passagem no cânon bíblico. O que essa passagem tem a nos oferecer que nenhuma outra passagem tem a nos oferecer no que diz

respeito à compreensão de como vivemos nossas vidas. E nos oferece uma visão que podemos realmente colocar em prática porque a relacionamos com situações específicas de nossas vidas.

Portanto, peço aos alunos que, quando iniciarem o processo de aplicação, pensem em situações de suas vidas que possam ser aplicadas ou em situações na vida de outros cristãos que eles saibam e às quais isso possa ser aplicado especificamente, para que faça a diferença. . Como você disse, minha vida nesta situação é diferente por causa desta passagem e da minha aplicação desta passagem. Então, se esta passagem não estivesse aqui, se o ensinamento particular desta passagem particular não estivesse aqui no cânon, minha vida seria mais pobre enquanto tento viver nesta situação que estou enfrentando.

Esse, novamente, é um alvo difícil. Mas penso que é um alvo digno de ser almejado em termos de especificidade de apropriação. Apenas uma palavra final em relação à apropriação.

Isto pode não ser verdade noutras partes do mundo, mas pelo menos onde vivo, no mundo ocidental, a nossa cultura tem sido muito influenciada por uma espécie de pragmatismo. Uma espécie de ênfase na ação, no comportamento. E é importante lembrar que a apropriação não tem a ver apenas com comportamento.

Também tem a ver com pensar. O Novo Testamento está muito preocupado com a forma como pensamos, com os processos de pensamento e com a direção do pensamento. E assim a apropriação não deve limitar-se ao que fazemos, mas também à forma como pensamos.

Isso também é importante. Isso precisa ser mantido em mente. Posso dizer também que, no que diz respeito à pregação e ao ensino, existe tanto aplicação direta como aplicação indireta.

Grant Osborne, em seu livro *The Hermeneutical Spiral*, fala sobre aplicação direta e aplicação indireta. Ele ressalta que sempre que a pregação é realizada, as pessoas nos bancos farão uma inscrição. Eles aplicarão o que o pregador diz às suas vidas.

Se estiverem realmente ouvindo ou prestando atenção, eles aplicarão isso. Na medida em que eles aceitam e fazem o trabalho de aplicação, com base na pregação ou no ensino, isso é aplicação indireta. Agora, existe algo chamado aplicação direta, e você tem isso quando o pregador ou professor realmente deixa claro qual deveria ser o significado aplicatório disso.

Pregue sobre uma passagem do processo. Você diz, é assim que será na sua vida e na minha esta semana, enquanto a vivermos. Tenho um amigo que pastoreava igrejas de vários tamanhos, desde igrejas muito pequenas até a maior igreja da minha

denominação, que me disse em uma ocasião, há alguns anos atrás, que no final de um sermão, as pessoas deveriam poder deixar aquele sermão dizendo, na próxima semana, na próxima semana, posso dizer se apliquei este sermão ou não. Isso quer dizer, ser capaz de tomar decisões muito claras sobre se apliquei isso ou não.

O que ele quer dizer é que é obrigação do pregador se envolver, fazer uma aplicação no processo de pregação, dizer às pessoas que essa aplicação será assim, para que, ao saírem do culto, possam dizer daqui a sete dias, quer de fato tenham aplicado ou não, porque o pregador lhes disse como seria a aplicação. Essa é uma aplicação direta. Grant Osborne sugere que a aplicação indireta é realmente mais eficaz, porque envolve realmente a propriedade da pessoa, o envolvimento do ouvinte, dele ou dela mesma, que é mais eficaz do que a aplicação direta.

Mas por outro lado, é claro, pode-se argumentar que um pregador ou professor tem a obrigação de fazer sugestões ou apontar quais são as possíveis aplicações do ensino que é a base do ensino da passagem que está sendo pregada ou que está sendo ensinado. Penso que este é provavelmente um bom lugar para fazer uma pausa aqui, à medida que avançamos realmente da discussão do Método em si para a observação e interpretação do livro de Tiago, do início ao fim.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 15, Avaliação e Aplicação.